

**JOSÉ CARLOS
OLIVEIRA**

UMA CRIANÇA DESAMPARADA

Consideremos um pateta sentado num bar, alta madrugada, com aquêlê ôlho miúdo peculiar às pessoas que só não choram porque as lágrimas estão custando a chegar. Não choram porque o desespero ainda não perfurou a jazida do alívio que são as lágrimas. Consideremos em seguida que eu, quieto no meu canto, sou forçado a escutar as agônias e esperanças dêsse homem; e que, em consequência, para não carregar comigo um fardo de emoções deletérias como o sangue derramado, me sinta na obrigação de entregá-las ao leitor. Dividamos o fardo, amiguinhas e amiguinhos. Ouçam:

— Pois é. Sempre gostei daqueles tempos em que você escrevia crônicas de amor. Foi logo depois do Rubem Braga e havia uma diferença fundamental. O Rubem sempre ganhava a mulher; você, ao contrário, sempre perdia. Agora você está calado, preocupado com outras coisas, e não tenho material para meditação. Ah! Se eu soubesse que outros sentem o que ando sentindo, haveria no mundo os meus companheiros...

— São tangos, são antigos sambas. Em suma, já não estou com a minha mulher. Esgotamos nossas respectivas cotas de alegrias e sofrimentos. Ainda a amo, porém a vida, não é?, são tangos e sambas de desencontro. E me encontrei na situação zero do coração. Uma antiga namorada, que igualmente amo, reapareceu e sumiu. E uma noite fui parar numa boate, e uma criança cantava. Criança, em meu jargão exclusivo, é toda e qualquer pessoa dotada de um mínimo de simpatia. Somos todos crianças, não levo em consideração os adultos.

Vinte anos e dois quilos ou três além da tirania macrobiótica. Uma gracinha. Entreguei-me a ela, sem informá-la; sem mesmo estudar os meus impulsos e sentimentos. Conheço duas ou três lindas histórias de amor que começam assim, à maneira de um suicídio. Entre o tumulto e a morte, entre o escândalo e o ostracismo, você se apegua de preferência ao barulho e à confusão. De um ponto-de-vista estritamente filosófico, chama-se a isso saúde. Eu era um animal vigoroso, orgulhoso, cruel — um estrangulador de saudades.

E fui fazendo tudo errado. Eu, mestre na arte da aproximação e do enleio, perito em simulações excitantes, desabrigado como uma cabana após a passagem de um tufão, valente e generoso, fui fazendo tudo errado. E tudo, conforme a lei natural das coisas, redundou em fracasso.

Haveria talvez uma solução intermediária: chamar de volta a mulher anterior. Mas, numa cidade em que nem os telefones funcionam, como é que você pode confiar na permanência de um amor?

E assim, crianças, aqui estou sob as constelações, procedendo como um adolescente esquizóide. E atônito tal qual o espermatozóide que um dia fui. Tão idiota, tão bonitinho que eu sou, entregue à minha idiotice romântica! Outrora eu dizia, como um grande escritor argentino: "Minha solidão não me assusta, é quase olímpica." Pois bem, hoje ela me assusta. Tenho medo desta fatalidade que faz de mim uma incorrigível criança — assim como se eu fôsse você, Carlinhos, menino a começar do nome.